



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE NATUREZA E CULTURA
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA



IRAMARA DA SILVA SALVADOR
(ÃUNENA RÛ TINENA)

**A IGREJA BATISTA REGULAR NA COMUNIDADE VILA BETÂNIA:
TRADIÇÃO TICUNA E RELIGIÃO**

Benjamin Constant- AM

2022

IRAMARA DA SILVA SALVADOR
(ÃUNENA RÜ TINENA)

**A IGREJA BATISTA REGULAR NA COMUNIDADE VILA BETÂNIA:
TRADIÇÃO TICUNA E RELIGIÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora como requisito parcial para conclusão do Curso de Bacharelado em Antropologia do Instituto de Natureza e Cultura da Universidade Federal do Amazonas.

Orientadora: Prof. Dra. Gilse Elisa Rodrigues

Benjamin Constant - AM

2022

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S182i Salvador, Iramara da Silva
A Igreja Batista Regular na comunidade Vila Betânia : tradição
ticuna e religião / Iramara da Silva Salvador . 2022
55 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Gilse Elisa Rodrigues
TCC de Graduação (Antropologia) - Universidade Federal do
Amazonas.

1. Cultura ticuna. 2. Comunidade Vila Betânia. 3. Religião Batista.
4. Religiosidade indígena. I. Rodrigues, Gilse Elisa. II. Universidade
Federal do Amazonas III. Título

Monografia apresentada à banca examinadora como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Antropologia

**A IGREJA BATISTA REGULAR NA COMUNIDADE VILA BETÂNIA:
TRADIÇÃO TICUNA E RELIGIÃO**

IRAMARA DA SILVA SALVADOR
(ÂUNENA RÜ TINENA)

Banca Examinadora

Professora Dra. Gilse Elisa Rodrigues-Orientadora

Professor Dr. Tharcísio Santiago Cruz

Professor MSc. Ismael da Silva Negreiro

Benjamin Constant-AM, 05 de outubro de 2022.

Dedicatória

Ao meu pai, Paulo Salvador, pelo apoio, compreensão e incentivos incondicionais, aos meus irmãos, Pauderney, Rite, Docimara, Cleópatra, Cardovan, e meu sobrinhos, Rickvan, Fatima, Pamela e amigos que sempre apoiaram durante esse longo semestre e me auxiliaram nesta jornada.

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus acima de tudo. Sua luz me indicou o caminho para o sucesso. Obrigada Deus, pela minha vida, e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho.

Agradeço ao meu pai Paulo Salvador, pelo carinho, atenção e apoio que ele me deu durante toda a minha vida. Dedico esse trabalho a minha mãe Fátima, que já se foi, mas continua sendo minha maior força e inspiração na vida.

Aos meus irmãos, Pauderney, Rite, Docimara, Cleópatra, Cardovan, e meu sobrinhos, Rickvan, Fátima e Pamela Esthafeny pela amizade e atenção dedicadas quando sempre precisei.

Também dedico todo o esforço que depus neste trabalho aos meus avós, Nélia e Abdão que foram exemplos de caráter e dignidade.

Agradeço aos meus tios (as) Dolene, Amazonino, Zenilda que sempre me incentivaram e apoiaram em todas as áreas da minha vida.

Também quero agradecer a minhas primas, Jane, Marcia, Jussara, Luzene, pela amizade, e por sempre me incentivarem durante toda a minha trajetória.

Agradeço a minha orientadora Professora Gilse Elisa Rodrigues pelo sua dedicação e paciência durante o trabalho de conclusão de curso. Seus conhecimentos fizeram grande diferença no resultado final deste trabalho.

Agradeço aos meus interlocutores da comunidade Vila Betânia-Mecürane: meu tio pastor Henrique Salvador, ao colaborar com este trabalho, por contar a história da Igreja Batista e da Festa, agradeço meu bisavó Alcides Jorge Felipe, por contar e colaborar com o trabalho, Sinésio Trovão, Quirino Janurio, Nedilza Pereira, Neilanny Januario, Jacira Santiago, Docimara Salvador, Nélia Felipe e pastor Diogo Felipe, e todos que contribuíram direta ou indiretamente para esse trabalho.

Também agradeço a meus amigos Sandra, Valdinei, Josi Ticuna que me ajudaram no início deste trabalho de pesquisa.

Agradeço a minha querida Sandra Pereira e Zara Aiambo que sempre estão ao meu lado e me apoiaram nos momentos que eu precisei.

Agradeço a todos os meus colegas de curso, pela oportunidade do convívio e pela cooperação mútua durante os anos que estudei com eles. Por último agradeço a todos da família Salvador.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise sobre a religiosidade dentro da comunidade Vila Betânia, investigando a atuação da Igreja Batista Regular na formação da comunidade. Também analisei a importância dos festejos da Igreja como forma de laço com a comunidade pela religião e não pela sua cultura tradicional. A pesquisa foi realizada a partir das narrativas dos anciões da comunidade e entrevistas com colaboradores e membros da comunidade. Busquei entender porquê muitos indígenas desvalorizam sua própria cultura e os ensinamentos de YO'I Deus do povo Ticuna, para isso pesquisei o processo de formação da comunidade e sua relação com a Igreja Batista. Percebe-se no imaginário social da comunidade algumas semelhanças entre cultura religiosa e a sua origem. Assim, a comunidade pratica a sua cultura mas desde sua formação vem sendo influenciada pela igreja batista. Busquei verificar, também, como a vida religiosa que predomina na comunidade é reforçada na festa da igreja. Percebi que ao mesmo tempo, muitos se preocupam hoje pra não esquecer a sua própria cultura que veio pelo YO'I, mantendo a utilização da língua, em alguns rituais e festas continuam valorizando sua tradição.

Palavras-chave: Cultura Ticuna; Comunidade Vila Betânia; Religião Batista; Religiosidade indígena.

RESUMEN

Este trabajo presenta un análisis sobre la religiosidad dentro de la comunidad Villa Betania investigando la acción de la Iglesia Bautista Regular en la formación de la comunidad. También se analiza la importancia de la fiesta de la iglesia como forma de lazo con la comunidad por religión y no por su cultura tradicional. La investigación fue realizada a partir de las narrativas de los ancianos de la comunidad y entrevistas con colaboradores y entrevistados que son miembros de la comunidad. Busco entender por qué muchos indígenas desvalorizan su propia cultura y el enseñamiento de los dios del pueblo Ticuna. Percebo si en las imaginarias sociales de la comunidad alguna semejanza en cultura religiosa y su origen. Así, la comunidad practica su cultura a partir de su formación siendo influenciada por la iglesia bautista. También cómo la vida religiosa que predomina en la comunidad reforzada en la fiesta de la iglesia. Percebo que al mismo tiempo, también, muchos se preocupan hoy por no olvidarse su propia cultura que llegaste por los dios, manteniendo la utilización de la lengua, en algunos rituales y fiestas continúan valorizando su tradición.

Palabras-clave: Cultura Ticuna, Comunidad Villa Betania, Religión Betania, Religiosidad indígena.

LISTA DE FIGURAS E ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Mapa de localização Geográfica da comunidade indígena Me'cürane.....	13
Figura 2. Limpeza do terreno da comunidade Vila Betânia.....	16
Figura 3. Primeiro habitante e suas casa com patioba e caraná.....	18
Figura 4. Imagem da comunidade Vila Betânia e o campo de futebol.....	19
Figura 5. Apresentação da danças dos mascarados, se despedido do anos velho.....	21
Figura 6. Comunidade Vila Betânia e sua formação em anos de 1963.....	28
Figura 7. Imagem da Igreja Batista Regular de Betânia.....	29
Figura 8. Pastores da Igreja Batista Regular.....	33
Figura 9. Diácono e Diaconisa da Igreja Batista Regular.....	35
Figura 10. Ngutapa- Tchirugüne.....	39
Figura 11. Sinésio Isaque em evento na Ngutapa- Trovão.....	40
Figura 12. Dramatização durante a festa no ginásio da comunidade.....	46
Figura 13. Roda dos crentes da igreja no dia da festa.....	51
Figura 14. Onde fieis fizeram despedida no últimos dia do festa.....	52

LISTA DE ABREVIATURAS

FUNAI: Fundação Nacional do Índio

UBS: Unidade Básica de Saúde

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Estrutura do Trabalho	12
CAPÍTULO I- O SURGIMENTO DA COMUNIDADE DE VILA BETÂNIA, SUA ORGANIZAÇÃO SOCIAL E RELIGIOSA NAS NARRATIVAS DOS ANCIÕES.	14
1.1 A formação da comunidade	14
1.2. A comunidade hoje	20
CAPÍTULO II - O PAPEL DA RELIGIOSIDADE NA FORMAÇÃO DA COMUNIDADE	29
2.1 O processo de criação da Comunidade religiosa	29
2.2. A organização da Igreja	34
2.3. Relação do povo Ticuna com os colonizadores e a influência do catolicismo e do protestantismo	37
2.4. Inserção da Igreja Batista entre os Ticuna de Vila Betânia	38
2.5. Diálogos culturais e conflitos de interesses na comunidade	39
CAPÍTULO III - OS FESTEJOS DA IGREJA BATISTA: FESTA E CULTURA RELIGIOSA ENTRE OS TICUNA DE VILA BETÂNIA	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS BIBLIORÁFICAS	56

INTRODUÇÃO

O objetivo desta monografia é investigar a relação entre a formação da comunidade Ticuna de Vila Betânia e o processo de criação da igreja Batista Regular e sua inserção na comunidade, buscando descrever a importância dos festejos da Igreja como forma de fortalecer os laços da comunidade pela religião e não mais pela tradição etnocultural. Para esta pesquisa serão utilizadas as narrativas dos anciões que participaram da fundação da comunidade e de colaboradores entrevistados sobre uma possível desvalorização da própria cultura deixada por Yo'i.

Nota-se que no imaginário social do povo da comunidade parece pertencer uma cultura religiosa desde sua origem. Busca-se, assim, verificar as práticas culturais que se desenvolveram desde a formação da comunidade e a influência da igreja batista neste processo. Analisar elementos da vida religiosa que permeiam as atividades no meio social do povo Ticuna e compreender o papel da festa anual da Igreja na configuração atual da comunidade.

O modelo da igreja que se observa neste cenário é um sistema religioso cristão envolvendo a comunidade no intuito de convertê-los todos em evangélicos, e deixando a cultura Ticuna tradicional e seus costumes e crenças, que vão morrer pouco a pouco, prevalecendo desta forma a cultura religiosa ocidental.

Percebe-se o povo Ticuna da referida comunidade, afetado e distanciado da organização social do povo Magüta, que em alguma comunidade ainda segue a regra de organização através dos seus clãs. Percebe-se também que para resolver problemas internos da comunidade, como aparece nas entrevistas realizadas, há certa preocupação hoje, principalmente dos mais velhos, de voltar no tempo e resgatar tudo que está se perdendo. A constante transformação que estão vivendo demonstra estar caminhando para o esquecimento da cultura indígena.

Observei na pesquisa em campo, que existem dois grupos disputando o poder. Um grupo começou a resolver os assuntos individualmente com apoio da religião acolhida por líderes indígenas que são membros da igreja. E o outro grupo que não é evangélico luta para a existência e resistência da cultura tradicional, resgatando a organização social, o respeito das regras clônicas, ritual da moça nova, hábitos alimentares, práticas do artesanato, canto e o principal, estabelecer a união como era

antigamente. Antes a luta do povo Ticuna era coletiva, e nessa luta os evangélicos nunca estiveram lá para defender os direitos do povo Magüta.

Alguns pesquisadores como Maués(1995) mostram que os missionários procuravam congregar os índios em aldeamentos e fazendas, provocando o descimento de seus primitivos locais de moradia, contribuindo assim para sua destribalização e perda da cultura nativa. (Maués, 1995, p.69). Foi essa aparente perda da cultura nativa, tradicional que me fez pesquisar sobre este tema.

Assim podemos perceber que a religião leva uma grande mudança social e cultural para os povos indígenas, ela influencia de certa forma numa grande dimensão política, econômica e cultural na comunidade que consiste num fenômeno complexo, com único objetivo de exterminar a cultura indígena por meio de diversas formas, mas, sobretudo, pela evangelização.

Antes da evangelização imposta pelos colonizadores o povo Ticuna da comunidade Vila Betânia vivia na beira do rio e na cabeceira dos igarapés, da pesca, caça, da roça (agricultura), do ritual da moça nova, não tinham noção de pecado. Passaram a ter conhecimento do que é pecado a partir do momento que um foi convertido, que esse um Ticuna foi contaminando todos com a conversão em evangelizar a todos. A prática dos seus costumes tradicionais foram ficando para trás.

No meu estudo utilizo a definição de religião apresentada por Clifford Geertz:

um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GERTZ, 2008, p. 67).

Este conceito ajuda a entender a complexidade e a dimensão simbólica da religião.

Estrutura do Trabalho

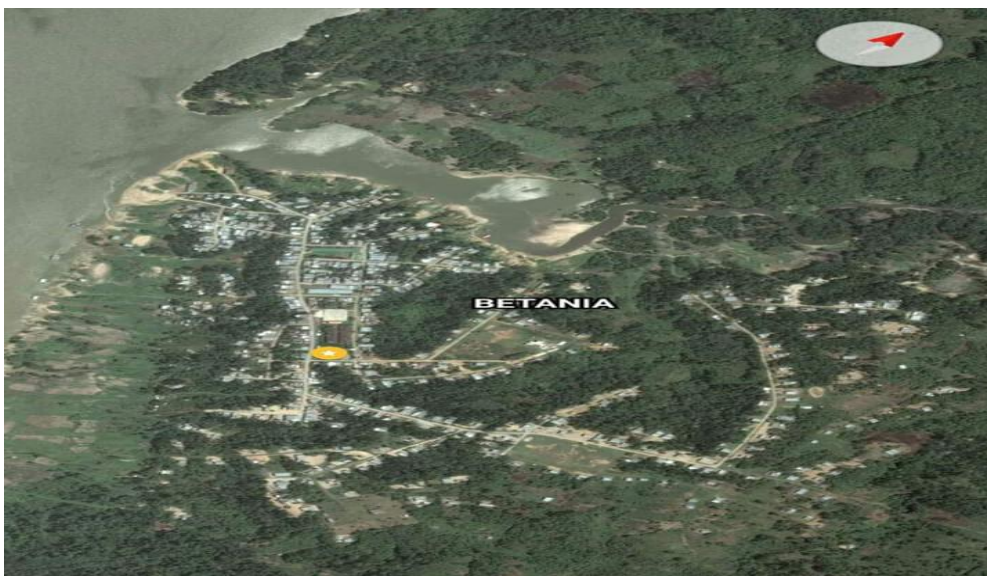
Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, busco apresentar a Comunidade de Vila Betânia e escrever de forma resumida o histórico de como se dá a formação da comunidade e um pouco da cosmologia do povo Magüta nas narrativas e relatos dos anciões Ticuna e como eles percebem as mudanças culturais na comunidade. No segundo capítulo discorrerei sobre o papel da religiosidade e da igreja na comunidade e o processo de formação de uma comunidade dominada pela igreja

evangélica demonstrando como a formação da comunidade se confunde com a formação da comunidade religiosa. E por fim, no terceiro capítulo descreverei a etnografia dos festejos e qual a sua importância para o contexto social e cultural do povo Ticuna na Comunidade de Vila Betânia.

CAPÍTULO I - O SURGIMENTO DA COMUNIDADE DE VILA BETÂNIA, SUA ORGANIZAÇÃO SOCIAL E RELIGIOSA NAS NARRATIVAS DOS ANCIÕES.

1.1 A formação da comunidade

Figura 1. Mapa de localização Geográfica da comunidade indígena *Me'cürane*.



Fonte: Google Mapas, 2022

Antes da fundação da comunidade Vila Betânia, algumas famílias Ticuna residiam à beira do Rio Içá, em povoados e viviam na cabeceira dos igarapés, onde, segundo os anciões da comunidade, eram inocentes sobre a cultura dos brancos. Acredita-se que durante essa época antes da chegada do missionário André Holmes, os Ticuna praticavam seus costumes tradicionais deixados pelo Yo'i (nota de rodapé) na sua comunidade.

Até o ano de 1960 rituais como o da “moça nova” eram práticas muito importantes da cultura Ticuna, sendo realizados com frequência, mais recentemente, muitas comunidades abandonaram esta prática, muito em consequência das proibições religiosas feitas pelos missionários brancos. A festa da Moça Nova é um ritual sagrado para povos Ticuna.

Quando uma menina tem a primeira menstruação ela avisa para a mãe e imediatamente é isolada, iniciando-se os preparativos para a festa. Ninguém pode entrar

em contato com ela até o dia da festa¹. Os pais convidam os parentes do clã da nação oposta para a festa.

Atualmente, em Betânia, quando a menina vira moça não é como antes que faziam a festa para a comunidade. Só convidam alguns parentes próximos, fazem o banho dela, furam orelha dela e cortam um pouquinho de cabelo, limpam o corpo dela com folha de cubiu e com jenipapo para tirar as impurezas que está no corpo dela. Depois preparam o almoço e chamam todos da família, pai, mãe, avós, irmãos, tios, primos. Torna-se então, um ritual familiar, não mais da comunidade. Mesmo proibido pela igreja, e com algumas alterações muitos ainda realizam esse ritual.

Outra prática tradicional, o ajuri (uma espécie de mutirão ou trabalho coletivo) era praticado de forma harmoniosa, se praticavam a pesca artesanal, se produzia a bebida típica do tipo pajuaru que era bastante consumida. Crianças, jovens, adolescentes, mulheres, homens, anciões viviam em paz e sempre em confraternização entre os clãs.

De acordo com os relatos dos anciões e lideranças da comunidade o cenário de vivência Ticuna mudou a partir de 1958, especificamente nessa região do Rio Içá, com a chegada do missionário estrangeiro André Holmes, que tinha como objetivo evangelizar os indígenas naquela região no município de Santo Antônio de Iça no Amazonas.

O missionário André tinha uma missão a cumprir que era de converter os Ticuna em evangélicos. Ele alegava que os índios precisavam conhecer a “DEUS” para poder “salvar as suas almas”. Os indígenas passaram a acreditar que precisavam da salvação cristã, iludidos com essas influências começaram a abandonar muitos de seus costumes e tradições, abrindo mão de algumas das suas práticas culturais.

O missionário buscando a aproximação com os indígenas descobriu que uma boa parte dos Ticuna morava na cabeceira dos igarapés, foi ao encontro deles, rapidamente os convenceu a migrarem para cidade para então formarem uma comunidade perto do município do Santo Antônio do Içá. Nesta mesma época, após já ter conquistado a confiança dos indígenas, o missionário reuniu todo mundo para falar sobre evangelização, já pensando no local de construção da comunidade e instalação de igreja. Neste momento os primeiros cinco anciões do povo Ticuna concordaram seguir

¹ Antigamente o isolamento durava três meses, com o tempo foi se reduzindo. Hoje dura apenas três dias. Este isolamento é necessário porque os Ticuna acreditam que o contato das pessoas da comunidade e especialmente, dos homens com a moça nova antes do ritual pode prejudicá-los no trabalho, na pesca, na caça, etc. O ritual no dia da festa vai.

essa missão e fundar a comunidade. Isto me foi relatado pelo Sr. Francisco da Silva, professor aposentado, 78 anos, viúvo, com seis filhos, que contou ainda que:

... No ano de 1959 o missionário, com aqueles cinco anciões do povo Ticuna encontrado no rio e no igarapé, subiram para cima procurar o lugar para ficar e encontraram. Mas este local encontrado era a parte da fazenda de Neol Franco, não sabiam disso e assim se invadiram o local que era uma propriedade, roçaram o local e fizeram suas casas, roças com plantaço de mandioca, abacaxi, banana, visivelmente sem o dono saber. Mais tarde viram que tinha gado no lugar, por isso quando saíram do cerca os gados foram para roça onde cultivaram seus alimentos, e o gado comeram tudo o que acharam no local. (Francisco da Silva, entrevista realizada em 2021).

Segundo o relato do senhor Francisco da Silva, se sentiram enganados e se revoltaram, gerando um conflito com o fazendeiro pelo fato do gado comer as suas plantaço, eles feriram alguns animais nas pernas e na cabeça, alguns eles até mataram. Alguns dias depois desse ocorrido, o dono viu os seus animais feridos, procurou saber quem fez isso, e logo recebeu a informação que era os Ticuna que invadiram a sua propriedade. Por esse motivo o fazendeiro fez a denúncia na polícia do município para expulsar e prender “aquele pessoal”, como relatou Francisco. E foram levados para delegacia onde as autoridades locais os receberam com violência, raspam suas cabeças, foram feridos na cabeça e colocaram sal, “violentaram os Ticunas de todas as formas sem direito de se defenderem”.

Foi a partir desse momento que começou o conflito entre o fazendeiro e os Ticuna. A briga foi mais longe e envolveu a luta pelas terras que foram tomadas. Os que se diziam donos começaram a expulsar todo mundo do terreno. Por causa disso, que o povo Ticuna que vivia na fazenda de Neol Franco passou muita dificuldade para conviver com os brancos. Essa questão de mistura entre o branco e o indígena desde o princípio sempre foi um problema no município de Santo Antônio do Içá, segundo as palavras de senhor Francisco.

Quando o Missionário André viu essa situação de desumanidade social que estava acontecendo com o povo Ticuna, ele começou a pensar como poderia tirá-los dessa situação. Em um momento, pediu máxima força para autoridades do município e

para um grupo de missionários americanos para ele conseguir tirar o povo que estava sofrendo nas mãos dos brancos donos das terras.

A partir daí o missionário André falou com o grupo de missionários americanos que havia chegado ao município de Santo Antônio do Içá, para explicar a situação dos indígenas do local e esclarecer o que estava acontecendo com eles e assim o missionário Eduardo comprou a fazenda de Neol Franco para o povo Ticuna, para que eles ficassem lá e reconstruíssem tudo o que perderam no conflito. A partir daí começaram a trabalhar para fundarem a comunidade neste local. Conseguindo o seu objetivo que era tirar o povo daquele local, onde sofreram muito por causa desse problema de gado e terra.

Logo mais nos anos 1960 a 1970, depois de comprar a fazenda, o missionário Eduardo começou a chamar os Ticuna para se instalarem novamente naquele mesmo lugar, para que formassem a comunidade e ele construiria uma Igreja para eles. Nessa época apenas cinco famílias concordaram acompanhar o missionário Eduardo e se instalar na terra que ele comprou. Quando eles chegaram ao lugar não tinha nada, só tinha mato. E no dia seguinte o missionário reuniu-se com o seu povo para escolher um dos cinco anciões para capataz para comandar aquela terra. Com aquele ancião aprovado como capataz, começou a limpeza e organização do terreno que originaria a comunidade.

Figura 2. Limpeza do terreno da comunidade Vila Betânia.



Fonte: Arquivo da comunidade Vila Betânia no anos de 1963.

Desde então passaram a trabalhar diariamente para construir a comunidade. Como falou seu Alcides Jorge, começavam o trabalho de manhã às 07:00 horas até 12:00hs, continuavam à tarde as 14:00 até 17:00hs, assim por diante até conseguirem construir sua comunidade. Depois disso distribuíram pequenos lotes para cada família construírem suas casas. Ao mesmo tempo construía a Igreja e fizeram a rua para caminhar. O povo se uniu para buscar patioba e caraná para construir casas para todo mundo.

Assim, apresento os cinco primeiros representantes Ticuna que chegaram neste local e fundaram a comunidade Vila Betânia. São eles: o Sr. Marcelino Salvador e sua esposa Luiza Ovídio, Sr. Alcides Jorge Felipe e sua esposa Otília Virgulino, Sr. Jorge Felipe e sua esposa Marciana Ovídio, Sr. Manuel Salvador e sua esposa Maria Flores e Sr. Virgílio Salvador e sua esposa Maria Santana e os cinco filhos.

A comunidade Vila Betânia foi fundada através do missionário Eduardo Harrel, segundo os anciões que ajudaram na fundação da comunidade. Senhor Quirino Benedito Januário, agricultor morador da comunidade, aposentado 76 anos, viúvo com 07 filhos, diz assim, que antigamente esta terra onde hoje é comunidade Vila Betânia era propriedade do fazendeiro Neol Franco, que era o primeiro dono desta terra, quando a FUNAI ainda não tinha demarcado essa área. O tal fazendeiro era conhecido e tinha poder na região, ele chamava a sua fazenda de Caruara, por que tem um igarapé com este nome que passava na frente deste local.

Com o passar do tempo a população Ticuna cresceu e cerca de metade deles convivem mais ativamente com o modo de vida e práticas da religião evangélica batista. Dentre estes primeiros convertidos o missionário Americano Eduardo Harrel escolheu o primeiro Cacique da Comunidade, que foi o Sr. Avelino Carvalho, para tomar conta do povo e da comunidade, pelo fato da população crescer bastante, exigindo maior organização. Na época o cacique escolhido na comunidade era alguém de confiança do missionário, tinha a função de organizar o povo em conformidade com a religião Batista, que já se tornava o centro de tudo. O cacique tinha obrigação de seguir as regras, se isso não fosse cumprido não seria possível ele ter voz sobre a população para tratar dos assuntos importantes. E quando um cacique erra com religião predominante o pastor reúne o povo para tirar esse cacique e colocar outro.

Desde então a comunidade indígena Vila Betânia passou a se organizar sob o domínio da religião do missionário, e a sua população se beneficiou principalmente na

área da educação e saúde. No entanto, era intenção do missionário americano Eduardo também de colonizar e evangelizar de forma que o povo da comunidade se envolvesse o suficiente para se converter e mudar sua tradição de como eles viviam na comunidade. Como naquela época não tinha escolas o missionário pensou em fazer uma escola para ensinar o povo a ler e escrever. Dando continuidade no avanço da comunidade, o missionário também pensou em construir o posto de saúde, para que os indígenas pudessem ter acesso a saúde diferenciada. Ressaltado ainda que a comunidade possui sua própria usina hidrelétrica. Foi desta forma que a comunidade Vila Betânia foi construída e fundada.

Nessa época, as famílias começaram a construir suas casas com matéria prima patioba e caraná, seguindo a arquitetura e materiais tradicionais usados pelos indígenas. Foi só bem mais tarde que alguns moradores Ticuna começaram a construir suas casas de madeira e zinco. E com passar dos anos já nos primeiros anos do século XXI que começou a mudar as casas para construções de alvenaria, sinalizando um processo de modernização. Por outro lado, os Ticuna cada vez mais estão vivenciando um processo de mudança de convivência com a cultura do branco e aos poucos abandonando sua cultura tradicional.

Figura 3. Primeiros habitantes e suas casas com patioba e caraná.



Fonte: Arquivo da comunidade Vila Betânia o anos de 1972.

1.2. A comunidade hoje

Hoje a comunidade Vila Betânia, tem suas ruas asfaltadas, já tem seu próprio posto de saúde, médico, dentista, enfermeiros, técnicos, técnico de saúde bucal, agentes de saúde indígena, agente indígena de saneamento básico e auxiliar de enfermagem, atuando, trabalhando e fazendo atendimento na própria comunidade. Além disso, a comunidade Vila Betânia também tem sua quadra esportiva, campo de futebol, comércios e escola municipal e creche, UBS (Unidade básica de Saúde), Delegacia (comandada pelos próprios Ticuna), Bradesco, escola estadual e hospedarias.

Figura 4. Imagem da comunidade Vila Betânia e o campo de futebol.



Fonte: Imagem do missionário Felipe, no anos de 2015.

Após tantas transformações o povo Ticuna passou a ter acesso cada vez mais a muitos produtos de consumo e tecnológicos, a ter objetos como televisão, sofá, ventilador aparelho de som, ar condicionado, freezer, geladeira, cama no lugar da rede, e outros. A maioria do povo Ticuna é beneficiária do programa Bolsa Família, Associação do Pescador, benefícios que trouxeram facilidades na compra dos bens matérias citados, mudando a relação dos indígenas com a economia.

A comunidade indígena vila Betânia pertence ao município de Santo Antônio do Iça, localizado na margem esquerda do Rio Solimões do Estado do Amazonas em linha reta da capital Manaus e 1.310 km por via fluvial. Existem no município 43 comunidades rurais, 25 comunidades ribeirinhas e 19 comunidades indígenas de etnias Ticuna e Kokama.

O clima da comunidade Vila Betânia é quente e úmido com chuvas durante os meses de inverno, que inicia em novembro e dezembro e atinge o ponto máximo nos

meses de abril e maio. Inicia geralmente em junho e julho a vazante do rio Solimões. O período da vazante do rio se caracteriza pela abundância de alimentos silvestres e cultivados, ao contrário do período da cheia dos rios que caracteriza relativamente escassez de água devido à seca dos rios, lagos e igarapés.

Na comunidade de Vila Betânia desde sua fundação, a população sempre comemora no dia 15 de dezembro² o aniversário da comunidade, e nunca esqueceram essa data especial, organizando junto com os moradores para comemorar e confraternizar entre eles. Ao comemorar o aniversário os Ticuna se organizam para fazer apresentação de grupo de música para cantar parabéns na comunidade. Além disso, na festa do aniversário ocorrem também as apresentações dos grupos musicais da comunidade e grupos de dança de cultural, adultos e crianças, com brincadeira de gincana, juntos com a população mesmo além da influência da religião o povo Ticuna ainda não perdeu seus costumes, sua cultura, e outras apresentações dos grupos de músicos cantando na sua língua materna. Mas certamente, esta festa não é tão grande como a festa da Igreja que se tornou a festa principal da comunidade.

A partir da realidade atual em relação ao uso de novas tecnologias, os jovens da aldeia da época anterior, o seu hábito de vivência da comunidade era diferente de hoje. Os jovens da comunidade hoje estão conectados com tecnologia avançada, lento porém funcionando, para acompanharem e ter acesso às informações sobre coisas que acontecem no mundo, através do uso de aparelhos celulares e estão conectadas as redes sociais como whatsapp, facebook, e-mail e web. Hoje o processo de formação tecnológica, cada vez se apresenta mais forte como uma possibilidade, criando nas novas gerações uma população diferente dos avós e seus ancestrais, no sentido de acompanhar o mundo da ciência.

Além do mais, alguns moradores possuem seu próprio transporte fluvial e terrestre. Sendo assim alguns por possuírem seu próprio barco fazem transporte de travessia de pessoas da comunidade para cidade e da cidade para comunidade. O que facilita o ir e vir de algumas pessoas que não possuem seu próprio barco. Esse tipo de travessia tem facilitado muito a vida dos filhos de alguns moradores da comunidade que saem para estudar na sede do município de Santo Antônio do Iça, e também vender seus produtos, receber salário ou participar de reunião que às vezes participam na cidade.

² Essa é a data do reconhecimento da terra indígena pela FUNAI.

Sempre na comemoração de Natal e Ano Novo realizam grande festa de vinda ano novo em confraternização com todos os moradores locais. E na festa fazem apresentação do tipo dança dos mascarados que começou desde o início da comunidade, este hábito o pessoal da aldeia nunca deixou de apresentar sempre que comemoram as festas de final de ano.

Figura 5. Apresentação da dança dos mascarados, se despedindo do ano velho.



Fonte: Salvador, I da Silva, 2021.

A comunidade se tornou a terceira comunidade Indígena mais populosa do Alto Solimões, no Município de Santo Antônio do Içá/AM. Naturalmente, hoje, com a educação bilíngue, a maioria dos moradores fala fluentemente e escreve na língua materna Ticuna, e poucos no dia a dia falam na sua segunda língua que é o português.

A comunidade situa-se, hoje, em área homologada e reconhecida pela FUNAI, e os moradores preservam seu território e meio ambiente, como a preservação dos seus 283 lagos, onde tem peixe fresco e diversidade de frutas. Além disso, nunca deixaram de praticar a agricultura (plantar suas roças) com suas famílias, onde plantam banana, macaxeira, milho, Mapati, abacaxi, abiu, ingá, e etc.

Mas, atualmente, a população da comunidade Vila Betânia, cada vez mais está se inserindo no estilo de vida e cultura da sociedade do homem branco. Por esses motivos, alguns esqueceram a sua verdadeira tradição cultural, como ritual da moça nova, danças, bebida típica e outros. Alguns já não praticam mais os costumes dos seus ancestrais. Devido essas influencias alguns não querem mais consumir os alimentos produzidos por eles mesmos, e sim estão consumindo de forma desenfreada os alimentos industrializados artificiais como refrigerante, sucos, frango, bolacha, café,

bombom, pão, tudo que faz mal à saúde. Por não consumirem seus alimentos naturais, acabam sofrendo a consequência e adquirindo doenças do tipo diabetes, hipertensões, colesterol e etc.

Observando o processo de desenvolvimento da comunidade, podemos afirmar que cresce constantemente, moderniza-se. A política e religião se tornaram dois poderes dominantes que trouxeram problemas entre os que defendem a cultura tradicional e a religião. Relações sociais e brigas por poder enfraqueceram as lideranças locais.

A propósito, o povo Ticuna, na comunidade de Vila Betânia está em grande parte submetido à doutrinação da religião Batista. Acredito que o certo seria continuar dando valor a tradição deixada pelo Deus Yo'i e Ipi. Segundo a origem do surgimento da história dos povos Ticuna.

De acordo com a narração dos nossos anciões, Yo'i e seu irmão Ipi pescou os povos Tikuna e peruano. Mas depois, Yo'i foi pro igarapé Eware jogou a borra do jenipapo no igarapé e depois essa borra apareceu transformada em piracema. Ele sabia que Ipi iria aparece também e queria pesca-lo. E ficava todos os dias sentado no porto à espera do Ipi. Yo'i tinha feito um cercado no igarapé, para esperar a piracema.

Yo'i foi na casa dele e pegar uma vara de anzol para pesca-lo. No seguinte, foi até o igarapé para ver se os peixinhos já tinham aparecido. Viu muito peixes, casca de umari também estava ali. Yo'i queria pescar aqueles peixes para que eles se transformassem em gente. Queria pescar o seu povo. Foi então buscar uma fruta de tucumã para usar como isca. Mas com a fruta de tucumã ele não conseguiu pescar gente. Os peixes se transformavam em animais. Pegou queixada, porco do mato, todos com seu par, sempre macho e femea. Vieram muitos animais.

Então yo'i pensou que para pescar gente ele precisaria arranjar uma outra isca. Ai experimentou com macaxeira e o peixes que saiam logo se transformavam em gente. Assim pescou muita gente. (Nelia Jorge, 2021)

Antes de 1962 a população da comunidade vila Betânia tinha seu respeito aos fundamentos míticos da sua cultura tradicional, reconhecendo o papel de Yo'i como organizador da sociedade através dos seus clãs. Desta forma que cada um podia identificar a que clã pertencia, e Yo'i ordenou aos membros dois grupos que se casassem entre seus clãs complementares como forma de respeitar seus irmãos, para não cometerem incesto. Muitos desacreditam, hoje, na importância de Yo'i para a organização social devido à forte presença da evangelização por parte das igrejas do homem branco.

Segundo a anciã Nélia Jorge falou, desde pequena sua mãe e sua avó sempre contavam para ela que:

Yo'i e seu irmão Ipi sempre foram considerados como heróis culturais dos Ticuna, eles nasceram dos joelhos de seu pai Ngutapa junto com suas duas irmãs Mowatcha e Aicuna. Eles criaram os animais, os objetos, ensinaram como os Ticuna deveriam se casar entre si, fazer sua festa e se pintar. Depois foram embora, Yo'i e seu irmão Ipi para o lado em que o sol nasce, e Ipi para o lado em que o sol se põe.

Com o autor Roberto Cardoso de Oliveira destaca,

Os ticuna são originários do igarapé Eware, situado nas nascentes do igarapé São Jerônimo (tonatü), tributária da margem esquerda do rio Solimões, no trecho entre Tabatinga e São Paulo de Olivença. Ainda hoje é essa área de forte concentração de Ticuna, onde estão localizadas 42 das 59 aldeias existentes.

Lembramos que os povos da Amazônia já possuíam suas crenças antes da chegada do missionário evangelista nas etnias: kokama, kambeba, Mayuruna, Ticuna, etc. “[...] os Ticuna, antes da chegada dos portugueses e espanhóis na região, foram índios de terra firme, habitando os altos igarapés situados a margem esquerda do rio Solimões (...) entre Tabatinga e São Paulo de Olivença”. (Oliveira, 2015, p. 48).

Nesse sentido, nas aldeias dos povos Ticuna, a prática cultural era a realização da festa da moça nova, conforme o que o Yo'i pediu para seu povo dar continuidade. Esse rito é conhecido como a festa sagrada em geral para os Ticuna que praticam e

valorizam seu mito de origem, respeitando a estrutura dos clãs como sistema de regras de seu povo.

Como pesquisadora desse tema, destaco que sobre a tradição cultural, no meio local, alguns de seus costumes tradicionais já foram esquecidos na prática social cotidiana. Como por exemplo, ritual da festa da moça nova, casamento com diferentes clãs, enfim, essa riqueza antropológica passou a ser desvalorizada pelos próprios moradores da comunidade.

Em pleno século XXI, visivelmente na maioria das comunidades indígenas no Alto Solimões a política cultural está perdendo o seu valor original. Acredito que esta perda de hábito cultural precisa ser resgatada, debatida e reafirmada. Se isso não acontecer, provavelmente as novas gerações destes ambientes vão deixar tudo isso para trás, por isso que todas suas autoridades, lideranças e anciões precisam estar atentos.

Hoje no ano de 2021, aqui na comunidade Indígena Vila Betânia, não se pratica mais a dança cultural, ritual, festa da moça nova pelo fato da religião local proibir. Desse lado, o casamento de homens com mulher de diferentes clãs já não é mais respeitado pelos jovens da comunidade, alguns já se casam com o mesmo clã, isso era proibido pela tradição da orientação de Yo'i, o Deus dos povos Ticuna.

Hoje, a política cultural tradicional dos povos Ticuna está em uma fase de desorganização social, com o abandono de elementos fundamentais de sua cultura, na relação de continuar o conhecimento tradicional dos seus ancestrais. Os que respeitam seu valor tradicional são minoria, porém, maiorias deixaram de lado esse lindo costume. Segundo um de meus entrevistados, um jovem da comunidade, Fabinei Mauricio, 18 anos, solteiro, estudante, perguntando a ele, “como você enxerga a questão da valorização da cultura e da religião dentro da comunidade?”

Pra mim não existe mais essa tal de cultura aqui na Betânia isso e coisa do passado, só antigamente que a minha avó falou que os nossos parentes faziam festa da moça nova, pintaram seu corpo, pescaram com arpão, flecha, hoje em dia ninguém faz mais. Agora, crer a palavra de Deus, aí sim, estou por dentro e todos nós somos obrigados seguirem o que está escrito na Bíblia. (Rindo “rarara”), não sou doido para voltar a coisa do passado e nem morto para ser queimado no inferno por causa disso. (Fabinei, 2021)

Na sua fala pode perceber que a realidade deste ambiente, muitos jovens não valorizam mais a sua própria identidade cultural e a tradição indígena por uma influência forte da igreja.

Mas existem, também, jovens que defendem a continuidade das práticas culturais tradicionais. Em conversa com uma jovem, membro da Igreja Batista, ela me falou que mesmo sendo da igreja não significa que vai esquecer a cultura e tradição indígena. Ela afirma que sempre vai se apresentar e reafirmar sua identidade indígena.

Mas é interessante destacar que a língua materna, o ajuri (trabalho coletivo), a comida e bebida típica, estão ainda presentes na vida cultural da comunidade Vila Betânia, isso ainda é vivenciado pelos moradores nos seus cotidianos. Verdadeiramente, no presente tempo em alguns aspectos do conhecimento original milenar ainda prevalece desde a época do Yo'i.

A tentativa constante de manter ou resgatar elementos da cultura tradicional nos remete ao conceito de etnogênese. Como afirma Bartolomé,

Na verdade, a etnogênese foi e é um processo histórico constante que reflete a dinâmica cultural e política das sociedades anteriores ou exteriores ao desenvolvimento dos Estados nacionais da atualidade". É o processo básico de configuração e estruturação da diversidade cultural humana. Suas raízes fundem-se nos milênios e projetam-se até o presente. Há centenas de milhares de anos, quando alguns dos membros de uma tradição caçadora, falantes de uma língua comum, migravam buscando novos horizontes, separavam-se tanto cultural quanto linguisticamente do grupo inicial a que pertenciam, dando lugar ao desenvolvimento de um novo tipo de coletividade social, linguística e cultural. Em muitas ocasiões, os novos âmbitos ecológicos a que chegavam condicionavam suas respostas culturais ao meio ambiente, levando a maiores especializações e, conseqüentemente, a diferenciações. (Bartolomé, 2006, p. 40).

Bem, mencionei aqui sobre ajuri que antigamente era o costume do povo Ticuna, quando eles não totalmente estão ligados no giro do capital. Ante de tudo, antigamente na comunidade era comum se organizarem a fazer ajuri como na hora de limpeza da

comunidade ou fazer a roça para uma família. Mas em longo período, este tipo de organização de trabalho não foi mais visto na comunidade, muito já foi esquecido nas suas práticas, hoje percebi que alguns vivem mais o individualismo, algo que não faz parte na cosmologia do indígena.

Antigamente de acordo com relato da anciã Nélia Jorge, o povo Ticuna vivia mais em harmonia, trabalho mais coletivo, a preparação das comidas típicas e bebidas eram entre as mulheres de 30 aos 70 anos. Pra ela a tradição deve ser preservada. O modo dos preparos dos alimentos era dominado pelas mulheres, esse hábito do dia-a-dia ninguém podia mudar. É preocupante se contar que este conhecimento pode estar caindo no esquecimento, se isso vai acontecer talvez será à culpa das lideranças da comunidade que não motivaram os seus povos a fazer e ensinar os seus filhos.

A prática da Festa da moça nova para os anciões é entendido como adorar ao Deus Yo'i. A festa da moça nova para os povos Ticuna é um ritual sagrado. A chegada da religião batista alterou muito a comunidade, ao mesmo tempo plantou na aldeia para as populações adorar a Deus e deixar os costumes indígenas.

Dona Nélia me conta que nos anos 60 quando a festa da Moça Nova e demais rituais foram proibidos pela religião Batista aqueles que praticassem essa tradição eram interrompidos pela polícia por pedido dos missionários, por isso muitos deixaram de praticar.

Quando se referem ao significado de Yo'i, uma das histórias relatadas por anciões que Yo'i e Ipi, os heróis do povo Ticuna, com eles surgiu a cultura tradicional, com o nascimento do primeiro homem Ticuna. Nessa narrativa mítica as pessoas eram pescadas no rio Eware. Segundo anciões o Yo'i e Ipi eram Deuses do povo Ticuna que estão no Leste e no Oeste. Os dois heróis organizaram o povo através de clã. E assim surgiu a festa de moça que é um ritual praticado como se fosse uma religião do povo Ticuna na sua tradição. Mas hoje, na atualidade na comunidade Vila Betânia está proibido de ser praticada por causa da evangelização. Mas mesmo assim algumas delas não deixam de acreditar que foram pescados por Yo'i (um dos principais heróis culturais) nas águas vermelhas do igarapé Eware.

Saberes tradicionais foram considerados como infernal, coisa do diabo, pecado e muitos indígenas ainda hoje, ainda acreditam nisso.

Porém, a prática do artesanato, o uso fluente da língua e escrita, cantos, pintura facial, produção artística ainda prevalecem, e é rica a cultura Ticuna com a permanência desses costumes contribuindo para afirmação de sua identidade. Os diversos artefatos

como mascararas, roupas feitas com tururi casca de uma arvore, as pintura que fazem, os costumes de produzir artesanato em forma de cestos pra o trabalho, tecelagem de maqueira para ser usada no descanso, com colares esculpidas em tucumã.

Ainda praticam a atividade econômica como pesca, cultivo das roças, caça e etc. Na atualidade, a aldeia Vila Betânia também tem feira, onde vendem seus produtos individual ou de associação das mulheres Ticuna, as artes da sua cultura e do branco como borda de sandália, pulseira, colar, desenhos de pau etc.

Enfim, a organização social de Betânia está vivendo uma constante transformação na convivência com o mundo do homem branco.

Algumas instituições, por exemplo, como a FUNAI, estão facilitando a entrada dos religiosos em terras indígenas. É necessário que alguém leve essa situação para um debate no sentido de esclarecer o quanto que é importante manter vivo sempre os saberes, costumes milenares indígenas. Precisamos melhorar essa situação para nova geração para que tenham acesso a estes saberes no futuro.

O povo Ticuna da comunidade Vila Betânia, hoje, está na direção de uma transição da política cultural. Essa engrenagem entre religião e cultura leva um grande desafio no esquecimento da origem do seu valor identitário.

No próximo capítulo será descrito esse processo de criação da comunidade religiosa em articulação com a formação da própria comunidade indígena.

CAPÍTULO II - O PAPEL DA RELIGIOSIDADE NA FORMAÇÃO DA COMUNIDADE

A proposta desse capítulo é apresentar o processo histórico da fundação da comunidade apresentando outros aspectos da formação de Vila Betânia. Evidencio aqui a forte presença dos missionários batista na construção da comunidade e a atuação da igreja no processo de consolidação da comunidade. Este processo se deu em torno da doutrina religiosa trazida pelos missionários que atuaram junto ao povo Ticuna na formação de Vila Betânia.

2.1 O processo de criação da Comunidade religiosa

Como já relatado no capítulo anterior, no início dos anos 1960, a comunidade indígena Vila Betânia foi fundada pelo Missionário estrangeiro, que veio da Escócia, o senhor André Holmes, que iniciou o ministério da evangelização do povo indígena em especial o povo Ticuna da referida comunidade no município de Santo Antônio do Içá. Em 1961, com a sua saúde debilitada, precisou retornar ao seu país, Sr. André pediu que o casal de missionários americanos Eduardo e Janete Harrel que continuasse o ministério. Em 1962, Sr. Eduardo, chega como representante da missão associação Batista de Evangelismo Mundial. A região onde se localiza a comunidade que até então era conhecida apenas como Caruara, denominação da fazenda do ex proprietário, recebeu o nome de Vila Betânia. Outras famílias começaram a chegar e começaram a mudar para lá. O missionário Eduardo ajudou os irmãos a marcar as ruas, as áreas para a Escola, a Igreja, e os terrenos para as famílias. Começou o grande trabalho de limpeza e organização da comunidade.

Figura 6. Comunidade Vila Betânia e sua formação em ano de 1963.



Fonte: Arquivo da comunidade Vila Betânia.

Esta mesma missão evangélica foi implementada primeiro no Município de Benjamin Constant, em Santo Antônio do Içá e Santa Rita do Well que logo depois vieram outros missionários com o interesse de evangelizar os povos Ticuna, tendo grupos missionários se estabelecido nas comunidades de Filadélfia, Campo Alegre além de Vila Betânia no Alto Solimões.

Embora os missionários tenham se estabelecido no início dos anos 60, a Igreja Batista Regular da comunidade Vila Betânia foi fundada somente no dia 15 setembro de 1974, pelo missionário Eduardo Harrel e sua esposa Janete Harrel. Esta igreja comunidade indígena Vila Betânia, localizada no município de Santo Antônio do Içá/Am.

Figura 7. Imagem da Igreja Batista Regular de Betânia.



Fonte: Salvador, I da Silva 2022.

Esse processo de criação da comunidade, que foi relatado pelos anciões, mostra que primeiro os missionários trataram de construir uma comunidade solidária junto aos Ticuna que facilitou adquirir um território, construir escola, abrir ruas, e só então estabelecer a Igreja.

A evangelização dos indígenas no meado dos anos 60 foi um grande destaque para a evangelização do povo Ticuna da comunidade Vila Betânia, por parte da Igreja Batista. Isso de fato ocorreu porque os indígenas eram tidos como pagãos que

necessitavam se converter em evangélicos para poder ser salvos e aceitos perante a dita sociedade ocidental.

Segundo relatos dos entrevistados nesta pesquisa, só poderiam morar na comunidade no começo da evangelização nos anos 60, aquele que aceitasse as regras da igreja, ser um crente fiel de verdade da religião, se reconhecer como o verdadeiro seguidor da religião.

No primeiro encontro do missionário americano com senhor Manuel Salvador, ele já o convidou para ser seu interprete na hora da pregação evangélica. Naquela época o senhor Manuel não sabia ler e escrever, porem dominava muito bem sua língua materna Ticuna e compreendia um pouco a língua portuguesa, e isso ajudou a transmitir a evangelização para o povo Ticuna.

Os missionários com certeza reconheciam uma certa inocência do povoado indígena, o que parece ter facilitado bastante para iniciar a evangelização. Historicamente, acredito que a evangelização ganhou força porque os Ticuna viviam conflitos e sofriam forte violência com a exploração da borracha na época³, eram escravizados, maltratados fisicamente, moralmente, e viviam somente da agricultura e não tinham conhecimento monetário sendo então, explorados pelos patrões nos barracões. A visão que os Ticuna passavam a ter sobre o homem branco era permeada pelo medo e intimidação.

No caso de Vila Betânia, que é uma situação mais recente, acho que pode ter acontecido uma maior negociação e menos imposição. Mas, na memória da comunidade o sofrimento dos parentes podia estar ainda presente no período de início da interação com os missionários, o que pode ter influenciado na aceitação deles.

As ações dos missionários na época eram definidas em parte pela palavra escrita na bíblia sagrada, diziam segundo eles que através da palavra de Deus se alcança a salvação para a vida, somente quem acredita no que está escrito pode ter a vida divina se tornando puro. Assim era a ação desenvolvida por pastores missionários dentro da comunidade indígena Ticuna.

Dentro da igreja os missionários também tinham suas influências com um domínio no discurso e a força de interpretar a leitura da palavra de Deus com aquele

³ De acordo com relatos apresentados por João Pacheco no livro “O nosso governo: os Ticuna e o regime tutelar” (1988), os patrões do seringal exploravam os indígenas forçando-os a um ritmo de trabalho de acordo com o interesse de lucro dos barracões, para isso usavam de violência, com punições, castigos físicos e ameaças. Essa violência posteriormente se apresentava na memória dos indígenas como um poderoso fator de intimidação.

jeito de fazer a gente sentir decidir a receber confiança de que ele está falando verdade, e que Deus é poderoso que existe no mundo, mesmo sem se ver e sem contato pessoal. Essa nova visão de mundo apresentada pelos missionários pode apresentar elementos semelhantes aos mitos dos Ticuna. Sobre isso João Pacheco(1988) afirma que “Só há lugar para o novo na tradição Ticuna porque esse novo já estava presente (*de alguma forma*) nas origens, no tempo de Yo'i e Ipi.” (1988:111).

Além dos elementos da narrativa cristã que faziam os Ticuna se identificarem, a igreja com toda a sua estrutura também era uma influência grande dos missionários, por que é uma instituição que já vem organizada com toda uma estrutura e regras que interliga a Deus para influenciar mais o povo indígena na comunidade. Eles plantaram essa igreja já pensando em dominar o povo com o que a igreja oferece, como escola dominical, estudo de palavra de deus para jovens e adultos, grupo de jovens musical, grupo para os idosos na igreja, grupo de adolescente, grupo de criança, grupo de oração, grupo de diácono e diaconisa e outros. Além desses elementos da igreja, ainda temos que considerar a importância da alfabetização, aprendizado da língua portuguesa e o acesso a informações que só poderiam ter com o conhecimento aprendido na escola.

Também a atuação evangélica supõe que os povos indígenas não têm história e conhecimento. Foi assim que muitos missionários influenciaram o povo da comunidade para evangelizar as populações como forma técnica de transformá-los em membro de igreja mesmo sabendo que eles tinham suas tradições culturais na época. Com essa influência dos missionários muitos deixaram suas tradições de lado, e assim conseguiram invadir com atividades religiosas do branco para serem considerados membros da comunidade religiosa. A partir daí, mandarem parar de praticar suas tradições, desacreditar dos seus mitos e assim aceitar a religião deles.

Nas conversas com os meus interlocutores eles me afirmaram que o missionário Eduardo Harrel afirmava que os Ticuna de vila Betânia, não pareciam compreender as coisas de acordo com os costumes civilizados, que viviam sem lei, que não tinham conhecimento do que era certo ou errado. O missionário comparava o povo Ticuna como selvagem, que precisavam ser domesticados. Para ele o povo daquele lugar precisava conhecer Deus, pois eram vistos como povo sem fé. É percebido o preconceito e o etnocentrismo do missionário.

O campo missionário evangélico hoje, que atua entre povos indígenas na comunidade é formado por mais três denominações, além da Igreja Batista Regular, que são Igreja Batista Monte Sinai, Assembleia de Deus e Presbiteriana. Estas igrejas

mantém um diálogo e aparentemente entre elas não há conflitos, mas a Igreja Batista Regular continua predominante.

Com o tempo e a continuação do processo de evangelização a comunidade Vila Betânia aprendeu a manter-se em harmonia entre as práticas religiosas de convertido na igreja batista e a preservação da crença tradicional do povo Ticuna⁴. A estratégia dos missionários em evangelizar os Ticuna funcionou muito bem até os dias atuais. Porém, com o passar do tempo trouxe alguns problemas porque dividiu as lideranças e organizações indígenas.

As situações causadas por esta divisão é que a religião deixa a marca nas suas histórias e influências com a formação cultural ocidental. Dessa maneira o povo indígena Ticuna, às vezes, vê os missionários como verdadeiros santos, protagonistas de milagres, protetores deles e de sua cultura, ótimos educadores dentre tantos elogios. Mas na verdade esses missionários são responsáveis pela imposição da cultura ocidental aos índios Ticuna, contribuindo ativamente para a destruição de sua identidade cultural.

São colonizadores estrangeiros, que vieram ao Amazonas entre os indígenas com o objetivo de enriquecer com índios para plantar uma nova cultura orientada pela sua religião. Agem sim, muitas vezes, de forma generosa, ajudando em muitos aspectos, mas, no fundo vendo o índio apenas como meio de enriquecer sua obra religiosa. Fizeram, portanto, com que os Ticuna abandonassem suas identidades e algumas práticas tradicionais.

Por isso recentemente, teve esse conflitos entre grupos indígenas dentro da comunidade, porque a religião dividiu eles entre cultura tradicional e religião. Em 2018 um grupo de autoridades indígenas Ticuna fundou uma organização que pretende ressaltar a cultural tradicional na comunidade. Mas neste momento quando criaram a organização o povo da igreja era contrário à criação dessa organização e que continuassem com essa ideia de voltar para seu mundo próprio, então por esse motivo houve vários conflitos e disputas um com outro, os próprios irmãos, parentes em conflito desvalorizando a sua própria cultura.

Essa disputa acontece por que cada lado tem a sua forma de organização, seus ideais e suas crenças. Isso alimentou a divisão do meu povo na minha comunidade, o pessoal da igreja que não aceitava o retorno à cultura tradicional indígena.

⁴ A maioria das pessoas da comunidade frequentam a Igreja Batista regular, e dentre estas são poucas aquelas que não mantêm alguns fundamentos da tradição Ticuna.

Hoje os dois grupos continuam em disputa, porém, sem maiores enfrentamentos. Posso afirmar que tem uma aceitação entre os dois lados, cada um tentando preservar a sua instituição e suas práticas culturais.

Se o papel dos missionários evangélicos, nos primeiros anos de evangelização, era fazer o povo Ticuna esquecer seus costumes e passar a viver um novo modo de vida implantada pela religião, o que predomina hoje talvez seja a busca de uma harmonia entre a cultura tradicional Ticuna e a crença Batista, até para manter a harmonia na comunidade. Por outro lado, podemos notar também que a comunidade Vila Betânia é organizada de acordo com os princípios da igreja, mas mesmo assim, vejo que a tradição Ticuna apesar das proibições oficiais da Igreja, não está totalmente proibida ou esquecida e se mantém viva.

2.2. A organização da Igreja

No início o missionário formou um grupo de membros da igreja para ensinar e alfabetizar os Ticuna com o objetivo de fortalecer o processo de evangelização. Aprender a língua portuguesa era fundamental para o processo de evangelização dar certo. Após terminar a pequena capacitação da evangelização na própria escola, o missionário escolheu alguns deles para assumir os cargos na igreja como: 1º pastor, 2º pastor, 3º pastor, dirigente da igreja, diácono, tesoureiro, secretário, professor(a) da escola dominical. Assim, foi nomeado o primeiro pastor seu Jordão Flores, 2º pastor: Henrique Salvador, 3º pastor: Modestino da Silva, 4º pastor Donaldo Jorge. Eles tinham a missão de ensinar as coisas boas de Deus a toda nação indígena.

Figura 8. Pastores da Igreja Batista Regular.



Fonte: Salvador, I da Silva 2019.

Dentro da instituição da Igreja Batista, os moradores da comunidade foram orientados a participar do culto na igreja. Dessa maneira, eram orientados a fazer culto de 4 vezes por semana, quarta, sexta, sábado e domingo, de quarta abre as 7:00 até 10:00hrs da noite para população geral, e na sexta e sábado é reservado para os jovens da comunidade e no domingo é um grande culto especial para os membros da igreja, o culto começa 8:00 às 11:00 horas da manhã e 3:00 a 5:00 horas da tarde é para as crianças, e 7:00 à 10:00 da noite encerramos a celebração.

No dia do culto, na igreja começa às sete horas da manhã e à noite as pessoas começam a chegar 7 horas, para orar e ouvir a palavra de Deus com o pastor e com o objetivo de seguir a doutrina da igreja e também com uma vontade de buscar o seu lugar no céu. Em seguida quando já tem bastante pessoas na igreja o pastor chama o grupo de jovens para iniciar a celebração com um hino de cantor cristão e depois apresentam os grupos corais das crianças, adolescente, jovens por fins anciões. E desta forma que é organizada a igreja e o culto especial dentro da Igreja, onde uma boa parte participante são homens e mulheres.

Desde que a igreja batista foi fundada o missionário Eduardo avisava para seus membros que iria deixar um evento para seus jovens que se chamava congresso dos jovens da igreja Batista. Desde a fundação da igreja esse evento é realizado na comunidade, como uma alternativa para os jovens no período do carnaval, assim, iam para a igreja e não iam para a festa do homem branco que para eles significa cair no pecado.

Atualmente, a igreja a cada mês pede aos fiéis e os membros o dízimo e oferta. Até adolescente que já se batizaram podem dar seu dízimo. O capataz da igreja Batista cada semana ele avisa nos dias de domingo para os membros o dia que vai fazer coleta, esta acontece nas quartas-feiras. Esse dinheiro para igreja pagar contas de energia, de água, repor equipamentos de limpeza, fazer manutenção do prédio. Basicamente, é para isso que igreja cobra seus membros para dar dízimo e oferta, além do pagamento de salário para o pastor. Não há nenhum indício de enriquecimento dos pastores, que vivem de forma simples sem destoar muito do padrão de vida da comunidade.

A igreja tem seus membros como Diácono e Diaconisa, ambos indígenas, que colaboram na hora de falar da palavra de deus com os fiéis se o pastor não estiver

presente na igreja⁵. Diácono e Diaconisa também atuam para resolver os problema da igreja e aconselhar com palavra de Deus aos recém casados ou aos eventuais fiéis que buscam o arrependimento e querem retornar para Igreja. O pastor sempre chama seu diácono e diaconisa para acompanhar, quando ele sair na outra comunidade para auxiliar na pregação da palavra de Deus.

Figura 9. Diáconos e Diaconisas da Igreja Batista Regular.



Fonte: Salvador, I da Silva 2021

Também é organizada sempre no final do mês, uma ceia com o vinho (sem álcool) somente para os membros beberem. Essa santa ceia da igreja quem bebe são apenas aqueles membros que não estão em pecado, ou seja, frequentam os cultos e estão afastados da vida mundana.

Realizam ainda um festival chamado de arraial, que se limita praticamente no centro da comunidade e tendo à frente da igreja como ponto principal para a realização do evento. E lá tem barracas onde vendem comidas, bebidas não alcoólicas, pois é proibida pela igreja a venda de outras bebidas que possuem álcool, sendo assim só se vende sucos, refrigerante, vinho açaí, bingo e outros. Essas atividades econômicas e culturais servem para arrecadar fundos para organização do grande evento da igreja que é o festejo do mês de setembro.

⁵ Algumas vezes o pastor sai para outras atividades, como trabalho na roça, alguma viagem, e deixa o diácono e diaconisa responsáveis pelo culto e orientação aos fiéis. A organização e o controle da igreja está inteiramente nas mãos dos Ticuna.

E foi dessa maneira, que, ao longo do tempo, desde a fundação da comunidade e da igreja que a sociedade indígena Ticuna na comunidade Vila Betânia foi assimilando as práticas religiosas e os princípios da igreja evangélica. É notório que os Ticuna foram obrigados a aceitar o batismo e se tornarem seguidores da igreja. Obviamente esse hábito de evangelizar foi se perpetuando e a religião Batista foi se legitimando e está passando para nova geração da comunidade.

A Igreja Batista de Betânia também tem seu próprio estatuto local, que estabelece suas normas. Assim, a autoridade da igreja segue este estatuto como os pastores, diácono, dirigente, professor(a) da escola dominical, responsáveis dos jovens, coordenadores, secretario e outros. Segundo estatuto da igreja, diz que cada função é ocupada por no máximo 4 anos e o ocupante dos cargos é eleito pela própria comunidade.

O estatuto estabelece as regras para os membros seguirem dentro e fora da igreja. Se um membro errar ou fazer algumas besteira que não agrada os fiéis, se não cumprir as regras, diretamente ele é chamado por um dos chefes religiosos para ser disciplinado, esse processo de disciplinamento dura mais ou menos 1 ano, onde vai cumprir penitência, se arrepender e pedir perdão a todos os outros membros em público. E assim recomeça uma nova etapa para ele voltar para igreja. Pode-se dizer na linguagem batista que essa pessoa é renovada e inicia uma nova vida.

Por outro lado, no meio de tanta burocracia institucional religiosa, a igreja também cria um “encontro das juventudes indígenas”, como já referi anteriormente, este evento sempre foi realizado na semana de carnaval. A intenção do encontro é afastar da festa carnavalesca, e apresentar alternativas lúdicas aos jovens, com canto, dança, coreografias e dramatizações. Segundo autoridade da igreja, os jovens Ticuna não podiam mais participar da festa popular fora da comunidade.

2.3. Relação do povo Ticuna com os colonizadores e a influência do catolicismo e do protestantismo

Segundo Nimuendaju (1952) os primeiros contatos das missões cristãs junto ao povo Ticuna ocorreram em aproximadamente 1645 com as missões jesuíticas católicas. Mas a catequização com estabelecimento da base católica só ocorreu em 1736. Havia interesse econômico da coroa portuguesa na região, que aliada ao interesse de evangelização podia facilitar o domínio sobre a região. Esse processo de catequização católica das populações indígenas foi cada vez maior ao longo dos anos da colonização

com a chegada de missões dos carmelitas, e, mais tarde os capuchinhos já no início do século XX. A chegada das missões protestantes que em muitos locais acabou sendo dominante ocorreu a partir da metade do século XX. Tanto as missões católicas quanto as de matriz protestante atuaram intensamente no processo de conversão dos indígenas, atuando para proibir a continuação da cultura destas populações. As proibições que foram impostas pelos evangelizadores tinham como objetivo enfraquecer as práticas culturais nativas e ampliar seus domínios. Mas a aproximação entre os Ticuna e os evangélicos se deu bem mais tarde. De acordo com Lima (2012, citando MACEDO,2000) a presença evangélica entre os Ticuna no lado brasileiro da Amazônia ocorreu a partir de 1959 com a chegada da *Association of Baptist of World Evangelism* na comunidade de Santa Rita do Well com intuito de atender os moradores das áreas ribeirinhas locais. Neste sentido, afirma que esses missionários não tinham, a princípio, a intenção de contatar os Ticuna. Mas o que ocorreu, no final das contas, foi uma aproximação e negociação constante desde 1959 que fica evidente na quantidade de bases, sobretudo, Batista, entre as comunidades do povo Magüta. A chegada da Igreja batista na Comunidade de Betânia chegou justamente neste período.

O pesquisador Lima(2012) ressalta a força do cristianismo em territórios Ticuna com o levantamento feito por Marina Kahn em 1999 sobre o quantitativo de bases religiosas existentes em territórios Ticuna: 12 bases da Igreja Batista regular, 2 bases da Igreja batista Independente, 25 bases da Igreja Católica, 19 bases da Irmandade da Santa Cruz, 3 bases da Assembleia de Deus. Provavelmente, se formos atualizar estes dados, após 21 anos, encontraremos uma alteração neste número de bases. O autor chama nossa atenção também para o grande interesse que os missionários Batista apresentaram com relação à formação escolar indígena.

2.4. Inserção da Igreja Batista entre os Ticuna de Vila Betânia

Ao dar grande importância à formação escolar dos indígenas, construindo escolas e proporcionando a alfabetização, os missionários Batista despertaram o interesse do povo Ticuna. Havia um interesse muito grande dos indígenas sobre a possibilidade de terem acesso à educação formal. Em sua pesquisa sobre a religião da Comunidade Filadélfia em Benjamin Constant, o antropólogo Widney Lima (2013) ressalta a atuação da Igreja Batista na alfabetização e formação escolar do povo Ticuna. Em Vila Betânia esta atuação também foi fundamental para a aproximação dos

missionários Batista e, certamente, teve uma grande influência no processo de conversão do povo da comunidade.

2.5. Diálogos culturais e conflitos de interesses na comunidade

Após a formação da comunidade Indígena Vila Betânia, as relações sociais se abrange no meio da sociedade do povo Ticuna, os povos indígenas começaram a se organizar socialmente, como escolheram o seu representante cacique, família, religião e política cultural. Assim, também foram construídos a Escola e posto de Saúde Especial a indígena.

Os indígenas buscaram se apropriar de elementos da cultura nacional que pudessem usar em seu benefício, promovendo outras formas de reconhecimento.

Nesse aspecto político Montero e Pompa falam que

Permanecer no simples “reconhecimento” das identidades e culturas nativas, que os processos de assimilação e branqueamento teriam apagado da cena nacional, significaria voltar a um essencialismo que ignora a dinâmica histórica e projeta os “nativos” na dimensão primitivista da antropologia evolucionista ou no bosque romântico do culturalismo de herança herderiana. Para compreender os processos de realocação das diferenças a antropologia do político precisa acompanhar o movimento das categorias acionadas como códigos para construir a identidade nacional (a de civilização, de etnia, de raça e, finalmente, de cultura), num sistema hierárquico que compatibilizava as diferenças mediante a legitimidade das linguagens religiosa, antes, científica, depois. (Montero, Arruti, Pompa, 2011, p. 37).

A minha análise também se baseia na perspectiva política das práticas culturais e religiosas onde os Ticuna demonstram suas possibilidades de escolha na relação com a sociedade nacional e com a comunidade religiosa. A criação da organização Ngutapa é um exemplo dessa atuação política e cultural.

A organização foi fundada em 2018, criada para preservar a cultura Ticuna e buscar recursos para as atividades culturais e tem cerca de 200 associados.

Figura 10. Ngutapa- Tchirugüne.



Fonte: Salvador, I da Silva 2021.

No dia 15 de abril de 2021, entrevistei o Sr. Sinésio Isaque Ticuna, representante da organização Ngutapa, 44 anos, graduado na área de Empreendedorismo e Logística, casado, pai de 5 filhos.

Conforme o relato do Sr. Sinésio, o povo da comunidade Vila Betânia, precisa se reorganizar, valorizando e dando importância a tradição da cultura do povo Ticuna nos dias atuais. Questionou que antigamente antes da formação da comunidade e da instalação da Igreja, o povo Ticuna estava espalhado por terras do Alto Solimões, uns moravam na beira do rio e na cabeceira dos igarapés. De acordo com o conhecimento que ele guardou a história contada por seus avós, dizem que antigamente os Ticuna sempre praticavam a tradição do ritual da moça nova dentro das suas aldeias, além da pintura facial com seus clãs, identificavam quem são irmãos e quem não é, pintura corporal, artesanato, artes e outros. Mas hoje em dia na organização do evangelismo Batista, estes gestos praticamente estão enfraquecendo na prática do dia-a-dia. Por causa da religião foi proibido a pratica desse costume milenar do povo Ticuna e outras foram esquecidas por motivo do processo de colonização evangélica.

Figura 11. Sinésio Isaque em evento na Ngutapa- Trovão



Fonte: Sinésio 2022

Segundo um dos fundadores da Ngutapa ela foi criada para valorização das tradições dos antepassados, valorizar a língua materna e defender os direitos do povo Ticuna à saúde, educação, cultura. Ele fala que quando fundaram a organização teve conflitos com os pastores porque acharam que iam acabar com a religião, mas depois eles entenderam e não tem mais conflito. Até muitas pessoas associadas são também da igreja.

Elis, vice-presidente da Ngutapa, diz que

“(...) no contato com os não-indígenas, principalmente a influência da igreja, se esqueceram das práticas culturais. Por isso que lideranças pensaram em criar a organização para a valorização de tradições dos antepassados e o pro de modo geral valorize a sua língua materna Ticuna e ressaltar os saberes que estão com os anciões vivos. (...) atualmente, algumas pessoas são contra reaver algo perdido que vem da sua própria cultura, mas acredito que ao longo do tempo da Associação, podemos alcançar nosso objetivo, resgatando a nossa cultura que parou no tempo, que os anciões querem

demonstrar para as futuras gerações e, é necessário retomar importantes informações culturais do povo Ticuna.”

Desse modo, segundo os entrevistados nesta pesquisa, a comunidade desde a sua fundação até o dia de hoje mudou muito na sua característica da política cultural e religiosidade. Esse hábito de vivência está deixando uma grande preocupação de autoridades da comunidade no sentido de cada vez mais os costumes dos moradores estão avançando na direção ao contrário da sua tradição cultural. Por outro lado, mudou também nos meios de um poder político partidário, ou seja, a sociedade do homem branco está muito próxima na comunidade, por esse motivo a cultura da comunidade indígena de Vila Betânia mudou bastante o modo de viver da sua população por estarem no meio do poder governamental do Estado e do município.

Esses diálogos sociais comumente são direcionados pelo cacique, pastor, delegado local, professores, representante da saúde, pajé e famílias. São eles que comandam todos os fatos sociais na comunidade. O sistema e a forma de organização política da sociedade local é, em grande parte, controlado pela política religiosa local e política partidária, todos estes setores atuam como uma trajetória para a negação da identidade étnica e cultural. Mesmo que essa realidade não consiga extinguir a identidade da comunidade, ela altera em muitas dimensões a cultura do povo Ticuna.

Assim como a diversidade biológica é produto de milhares de anos de evolução, isto é, da interação entre as espécies, de migrações para novos meios ambientes, de adaptação a mudanças climáticas, etc., também a diversidade cultural e linguística ou, numa palavra, a diversidade etnolinguística decorre de processos seculares e milenares de dispersão de grupos humanos e de interação de uns com outros e com novos meios ambientes. A língua e a cultura podem ser vistas como fenômenos independentes, já que um indivíduo pode aprender a falar línguas de povos com culturas muito diferentes da sua e, sendo assim, todo um povo pode adquirir uma segunda língua e, eventualmente, mudar de língua. (Solimões, 2001, p. 269).

Nessa perspectiva, na comunidade Vila Betânia a sua originária tradição cultural é ricamente falada e a sua língua materna Ticuna é viva ainda. Por motivo da necessidade de preservação da língua original, os moradores sempre foram orientados nas suas instituições locais, na Igreja e nas duas Escolas. Há mais de 04 mil indígenas Ticuna, que de modo geral na comunidade sempre estão utilizando a sua própria língua.

Os povos Ticuna povoam mais de cem comunidades na região. Isso reforça a sua capacidade de manter sua cultura.

Desse lado, os Ticuna vivem em diferentes municípios, alguns sabem falar em duas línguas e outros em português e até espanhol. Os filhos de algumas famílias estão escolarizados nos seus municípios para poder dominar duas línguas, lógico, aquela família tem uma renda fixa para se manter na cidade.

A população da comunidade de Vila Betânia está organizada por famílias, por parentes, e também por religião. Então o povo que está na aldeia mantém a valorização das origens e classificações pelos clãs, para que eles organizem mais na sua sociedade. Na maioria das comunidades indígenas o povo Ticuna, em geral, está dividido por clãs, mesma coisa aqui na Betânia todos os membros das famílias têm clã, porém, muitas vezes essa vinculação ao clã não é respeitada, mesmo sabendo que não pode se misturar com mesmo clã. Aqui na Betânia quase todos são parentes, a maioria dos moradores é do clã de Mutum, só alguns são de outro clã (sem pena). Então, a maioria deve buscar o matrimônio em outras comunidades.

A organização social do povo Ticuna, pela tradição, era orientada dessa forma, isso determinava com quem se pode namorar ou casar com outro clã que não seja igual. Nesse sistema da aldeia, cada pai e filho pertence necessariamente a varia unidas social metade com pena e outra sem pena, clã e sub clã, uma vez que eles estão contidos umas nas outras. Dentro desse sistema, há um denominação por meio do qual é possível identificar o pertencimento social de cada família.

Atualmente a organização política da comunidade está na mão de um dos membros chamado cacique Augusto Paulo Rosindo, também membro da igreja Batista Regular, que tem função de líder do grupo, tanto a de comunicar-se com estranhos indígenas e não indígenas, representando os membros de seu grupo perante qualquer autoridade como capitão, chefe de posto, segurança da comunidade se chama segurança indígena, comerciante, professores, missionário, etc. Quanto no organizar da sociedade a cooperação entre os vários setores, por exemplo, na atividade econômica, religiosa, cultural e em algumas tarefas comunitárias, como nos ajuris.

A política criada pelo cacique como regra da comunidade tem o papel importante de controlar o consumo de álcool e drogas dentro da aldeia para orientação dos jovens na Vila Betânia, preservando e divulgando saberes e fazeres que precisam ser mantidos vivos na comunidade.

A autoridade do líder da comunidade é reconhecida por todos pelo fato de agir de acordo com o consenso do grupo, de pôr em execução medidas e decisões que todos julguem acertados. Dentro do grupo, e mesmo contando com o seu apoio, ele não possui um poder coercitivo e especializado. Ele não impõe a sua vontade, não é autoritário e sempre privilegia a vontade coletiva.

No dia a dia da comunidade todos fazem seus trabalhos domésticos para cuidar de seus filhos, homens e mulheres vão fazer seu trabalho de pesca, caça, agricultura e na construção de canoas para o sustento de suas famílias. A criança e os adolescentes e jovens ajudam os seus pais nos trabalhos e depois vão à escola no horário de aula e praticam esportes e lazer. Percebe-se que a existência de um líder para o grupo não implica na autoridade por parte de chefe de cada segmento familiar. Dentro de cada casa e relativo aos membros de suas famílias, esse chefe de família tem de ser reconhecido como uma autoridade. É assim que a população de Betânia tem o poder de administrar a sua aldeia, por que o cacique é um homem de honra frente à população.

O cacique deixa claro em seu discurso e nas suas ações também, que não se posiciona contra a igreja e nem contra a organização cultural Ticuna(Ngutapa). Isso faz dele um apaziguador, buscando a harmonia da sua comunidade. O papel da religião fica evidente na comunidade nos momentos festivos, particularmente, na festa de aniversário da igreja Batista que se comemora em 15 de setembro e que movimenta toda a comunidade. Esse evento será descrito no próximo capítulo.

CAPÍTULO III - OS FESTEJOS DA IGREJA BATISTA: FESTA E CULTURA RELIGIOSA ENTRE OS TICUNA DE VILA BETÂNIA

Neste capítulo apresento uma descrição dos festejos da Igreja Batista na comunidade para entender através deste evento a influência da igreja na vida dos Ticuna. A festa acontece todos os anos, é uma comemoração feita todos os anos e não deixaram de realizar nenhum ano desde a primeira vez que foi realizada. Estes festejos são dedicados à celebração da fundação da Igreja Batista Regular Vila Betânia, e são realizados no mês de setembro. Esta é uma data comemorativa específica da comunidade, o que demonstra a importância da igreja para a organização social local.

Nos dias 10, 11 de setembro é dia de chegada dos visitantes, que são recebidos no porto pelos pastores. A partir do dia 12 e até o dia 18 de setembro já são as datas de celebrar a festa propriamente dita. A importância da festa é reforçada pelos pastores e pela igreja como única festa sagrada referente às crenças do povo da comunidade, diferenciando e qualificando locais com características que só existem durante o período da festa. A igreja fica no centro da comunidade então as atividades dos festejos se concentram neste lugar.

A festa da igreja Batista regular além de ser uma festa religiosa também é uma festa tradicional, porque se repete todos os anos, desde 1962, mas vai se renovando e reforçando os significados da religião Batista entre o povo Ticuna de Vila Betânia.

Podemos analisar a festa como um grande ritual que reforça os laços da comunidade. De acordo com Peirano (2003), em qualquer tempo e lugar a vida social é sempre marcada pelos rituais, mas eles não têm uma definição rígida e absoluta, e sua definição não pode ser antecipada. Como fala Wedig e Menasche (2009) é preciso que essa definição de ritual seja “etnográfica”, ou seja, apreendida pelo pesquisador em campo, junto ao grupo observado. Por isso me propus observar etnograficamente os festejos e assim entender a importância deles para os Ticuna.

Festas religiosas são eventos importantes em comunidades tradicionais pois ajudam na organização social e cultural para manter os laços de comunidade.

A festa e a religiosidade apresentam-se igualmente como um modo privilegiado de organização em torno do princípio da reciprocidade, como proposto por Mauss (1988). Para este autor, este princípio vai para além da troca, referindo-se ao ritual da troca como mais importante que as coisas trocadas em

si, já que não se trocam apenas coisas economicamente úteis, mas antes de tudo gentilezas, banquetes, ritos, danças, festas, etc. A reciprocidade está alicerçada no movimento de dar, receber e retribuir, constituindo laços sociais, alicerçado na obrigação, associada à liberdade de retribuir. (MENASCHE, 2009)

Diversos autores já abordaram a importância das festas religiosas em pequenas comunidades, particularmente, ribeirinhas e outros grupos das camadas populares.

“As festas religiosas configuram-se como eventos ligados ao sacramentalíssimo cristão ligado ao universo mental do grupo. O ribeirinho cumpre suas promessas e graças recebidas por meio de rituais, traduzidos na forma de festas religiosas, almoços comunitários, missas, procissões, novenas, bailes, etc. Cada festejo possui sua própria história e razão de existência”. (SARAIVA, 2010, p. 153).

A festa religiosa em comunidades indígenas ainda tem muita coisa pra se pesquisar. A festa da Igreja Batista tem importância significativa não somente para a comunidade como também para o município onde se localiza, por que tem pastores da cidade que sempre participam da festa, pois a igreja batista, segundo interlocutores é uma igreja muito poderosa e tem fieis por todos as partes da comunidade. Esta festa da igreja batista também se constitui como espaços sociais privilegiados, de construção de identidade coletiva.

Sobre a identidade Ticuna na comunidade Filadélfia, Lima descreve

“Passou a existir neste contexto a criação de uma identidade que serviu então de parâmetro definidor de prestígio do nativo em relação aos membros do seu grupo e também em relação a sociedade nacional, que consiste na identidade de crente. Para alguns, ser crente ou pelo menos participar de uma igreja evangélica contribuir para a obtenção de uma melhor posição, ou pelo menos acreditam nisso”. (LIMA, 2013, p. 66)

Isso também acontece entre os Ticuna de Vila Betânia, pois hoje os pastores são da própria comunidade.

Os festejos da igreja Batista é uma tradição religiosa com características próprias dos Ticuna e organizada por eles, sob a orientação do pastor Ticuna que sabe das regras de estatuto do fundador da igreja e, é uma festa com organização ampla que se repete cada ano, com confraternização de pessoas que não pode deixar de ser esquecida, porem com novas pessoas frequentadoras da festa a cada ano.

A festa tem função importante na vida da população, renova as esperanças, fortalece as relações das pessoas para conviverem bem entre eles. A festa é bastante frequentada por fieis de diversas idades. Já entrevistei um fiel de 16 anos de idade, ele disse ter muita fé em Deus, porque frequentar a igreja muda a vida dele para melhor na convivência com outros fieis, assim ele quer todos os anos que os jovens participem da festa para eles conhecerem a Deus. Conquistar os jovens também é um objetivo das igrejas evangélicas

Tanto em Benjamin Constant como na cidade de Tabatinga, as igrejas batistas (Metodista e a Regular) procuram atrair os jovens Ticuna dispostos a se converterem ao evangelho. Estes novos convertidos passam por uma espécie de treinamentos de cunho evangélico e mais tarde são orientados a fazerem a atividade de dirigentes dentro das igrejas locais. (LIMA, 2013, p. 66)

A tradição da festa da Igreja Batista pode-se dizer que são atrações culturais tradicionais religiosas como dança, música, dramatização, coreografia etc. Para população da comunidade a igreja é a casa de Deus e podemos dizer também que há afinidade e cumplicidade do fiel, pois a população da comunidade agradece, faz pedidos de proteção, e ter bastante fé na igreja que acreditam que lhes dá proteção.

Figura 12. Dramatização durante a festa no ginásio da comunidade.



Fonte: Salvador, I da Silva 2021.

Segundo informação de um interlocutor a festa da igreja é a maior festa religiosa

que tem na comunidade indígena Vila Betânia, atraindo moradores de outras comunidades indígenas como Lago Grande, Boa Vista, Vista Alegre e outros. A igreja faz a festa pública aberta a todas as pessoas que queiram participar.

A festa cresce a cada ano com a importância por causa do número de moradores que também aumenta, mas também pela participação de moradores de outras localidades que são convidados. Durante o período da festa, observa-se os momentos de harmonização dos fiéis, para pedir ajuda e agradecer a Deus por todas as graças que conseguiram na vida.

A festa da igreja Batista nos leva a pensar na vida e na tradição religiosa da comunidade indígena Vila Betânia. Neste sentido se trata de questões de grande mudança e avanço de uma festa evangélica que vem muito tempo atrás. Um dos membros da Igreja Batista, hoje com 43 anos, afirma que a festa da igreja na comunidade indígena tem um importante função religiosa sagrada que encaixe de render religião Batista e de homenagear a Deus, tem caráter de fé no decorrer da festa e os fiéis revelam a fé, piedade gratidão a Deus.

Na crença e na prática religiosa, o ethos de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida. (GEERTZ, 1986, p. 67)

A população da comunidade, de um modo geral, pensa na festa como uma celebração marcante na vida, onde lembram conhecer a palavra de Deus. Assim, a força coletiva da religião também faz a conexão com Deus na festa, construindo um caminho para eles que são fiéis da igreja batista, que podem reorganizar sua vida cotidiana em função da prática de festa religiosa.

Não se trata apenas por prestar homenagem a religião batista, mas também por servirem de momentos de confraternização coletiva entre várias famílias da

comunidade, trazendo o modo como um grupo vê o amor e devoção a Deus, permanente do grupo enquanto parte da comunidade.

A crença religiosa tem sido apresentada, habitualmente, como uma característica homogênea de um indivíduo, como seu local de residência, seu papel ocupacional, sua posição de parentesco, e assim por diante. Mas a crença religiosa no meio do ritual, quando ela engolfa a pessoa em sua totalidade, transportando-a, no que lhe concerne, para outro modo de existência, e a crença religiosa como um pálido e relembrado reflexo dessa experiência na vida cotidiana não são precisamente a mesma coisa, e a falha na compreensão disso levou a alguma confusão, principalmente em relação ao problema da chamada mentalidade primitiva. (GEERTZ, 1986, p. 87).

A festa religiosa na comunidade indígena religa o visível e o invisível, que está dentro e fora do grupo, sempre buscando estabelecer laços familiares, de identidade cultural e religiosa, mas também étnica e de tradição dentro das mais variadas relações de poder.

Essa é uma religião que tem como um ponto forte de consagrar Deus e a igreja junto com a comunidade para celebrarem Jesus Cristo, transformando-se a realização de festa religiosa em tradição da comunidade indígena. Dessa maneira, a comunidade indígena passa grande parte do ano agora envolvida com a preparação, agora com a realização ou participação nesse acontecimento religioso na comunidade, tanto em localidade como nas demais comunidades indígenas.

A festa se caracteriza por ser o modo de retribuir fé, de agradecimento por bens alcançados e renovação dos pedidos feitos a Deus. Podemos considerar que a festa para Deus é promessa coletiva que visa o bem estar da população da comunidade indígena. O momento da festa religiosa batista é efetivamente um espaço religioso que não separa o mundo de fiéis e Deus, nela tudo é sagrado, já que certos lugares, certos tempos e objetos são mais significativos que os outros.

A minha interlocutora pensa na festa da igreja batista como uma festa sagrada. A festa religiosa realizada nesta comunidade é um exemplo de uma história cultural religiosa na qual repassa-se o mundo cultural do grupo. É encontro de religião e

tradição, que se cria através do seu próprio fundador da religião batista, desde a fundação e nas várias histórias culturais. Nesse caso podemos afirmar que

[...] o modelo de evangelização difundido pelos primeiros missionários traz a discussão em torno da efetivação de um pensamento que esteja vinculado à perspectiva cristã, mas que procure conduzir o molde evangelizador por meio da interação e integração dos aspectos religiosos cristãos em consonância com os elementos culturais da etnia Ticuna. (LIMA, 2013, p. 76)

A festa religiosa se configura como festa sagrada ligada ao crer em Deus do universo e cada ano a festa possui sua história e razão de existir, vindo a representar identidade, saudando um novo período de vida que se inicia, pode representar também a solução de um grave problema, a saúde recuperada, tudo isso é traduzido em agradecimentos. Assim, a festa é resultado de milagre de um acontecimento particular de cada fiel ligado a algum fato referente a um sujeito no espaço da comunidade.

As atribuições dadas ao espaço e a forma de inserir-se nele estão ligados à cultura e ao modo de vida da população indígena. Entre a população indígena a crença, o mito e a religiosidade destacam-se dentro da cultura do grupo, tornando-se fatores responsáveis pela organização da comunidade. Portanto, a organização espacial está ligada ao universo da crença, o que reflete de forma concreta na maneira pela qual eles irão se estabelecer no espaço.

O espaço, nas comunidades ribeirinhas, ainda está muito próximo, ou melhor, está intimamente ligado às pessoas, e elas mesmas ainda não perderam completamente o controle desse espaço, onde reconhecem os signos e significados que estão presentes em seu ambiente sem se separem deles inteiramente, sem transformá-lo essencialmente em mercadorias. (Nascimento Silva, 2000, p.94-95)

Para fazer a Festa da Igreja Batista é como apresentar a tradição em sua dimensão simbólica da própria coletividade e de sua identidade como grupo social e cultural. No momento da festa toda comunidade para celebrar, é o momento do divertimento, da sociabilidade, de estar toda a comunidade movida por sentimentos

comuns, sentimentos impulsionados pela fé, pela alegria de celebrar e de agradecer por graças alcançadas.

A festa da igreja batista, como muitas festas religiosas utiliza os recursos próprios e de fiéis da igreja, desde o primeiro anos quando comemora a festa. Por isso os membro da igreja sempre falam que utilizam só recursos que vem da comunidade mesmo, como recurso para utilizarem na própria igreja. Desde o princípio a comunidade e a igreja quando chega no período da festa usam recursos naturais como peixe, carne de caça e outros para utilizarem na festa.

Podemos perceber uma divisão temporal da festa da igreja que se divide em preparativos, começo, desenvolvimento das etapas que se constituem, e o seu fim. Na realidade este trajeto temporal se configura como um ciclo.

Assim, podemos dizer que a festa em si, se configura no ponto mais alto do acontecimento, mas há toda uma preparação para o fim que se destina. No caso da celebração religiosa, temos que observar que não é uma festa de consagrar-se sozinho, até porque se trata de um cerimônia coletiva, é impossível que alguém a realize sozinho, e embora o fiel faça suas orações individuais, ele sente a necessidade de expressar a sua dedicação através dos atos públicos, ou seja, é no seio da coletividade que se configura a satisfação em celebrar sua crença em Deus.

As instituições religiosas [...] traduzem os padrões sócio-culturais característicos do ambiente regional. Organizado na base do pequeno grupo local, o povoado, o sítio [...], o catolicismo do caboclo é marcado por acentuada devoção aos santos padroeiros da localidade e a um pequeno número de “santos de devoção” identificados à comunidade. (Galvão, 1976, p. 03)

Assim sendo, os membros da comunidade religiosa já começam a se preparar antes mesmo da festa, preocupando-se até com a roupa que vai usar no momento, simbolizando assim a importância da igreja para a comunidade.

Assim sendo, a festa em honra a Deus, é um ato religioso muito aguardado pelos fiéis, que se preparam para celebrar e demonstrar a sua crença, e também é um momento de divertimento, do lazer que envolve toda a população da comunidade, uma vez que cada noite de festa é estabelecido para os crentes da igreja, ou seja, eles que vão ficar responsáveis pelas atrações da festa, seja na parte da cerimônia, de apresentações

de músicas, coreografia, roda e outros. Estes crentes são fiéis que congregam na igreja mesma, eles que formam o grupo para apresentação.

Figura 13. Roda dos crentes da igreja no dia da festa.



Fonte: Salvador, I da Silva 2021.

Se tratando da forma como se organiza a festa, as pessoas já criam expectativas antes mesmo do início, isso é motivada pelo sentimento de consagração, e do que possam encontrar de novo e surpreender, outras por já terem participado de festas anteriores, e terem gostado, esperam encontrar as mesmas satisfações.

Na comunidade indígena Vila Betânia a celebração da festa religiosa durante uma semana realiza-se com base na tradição deixada pelo fundador, sendo também celebrada com grande cerimônia com número significativo de fiéis, fogos de artifícios, bebidas tradicionais, e é claro o espaço tido para os visitantes como grupo de jovens cantando música oficiais.

No último dia dos festejos os fiéis se reúnem em frente à igreja sob o comando do pastor, fazem uma caminhada, entoam músicas religiosas e se despedem dos visitantes, oferecendo-lhes alguns presentes e lembranças para levarem com eles. Esses mesmos visitantes serão depois os anfitriões e receberão os fiéis de Betânia para festejos em suas comunidades. Estabelecem uma relação de dar-receber-retribuir (Mauss, ano 2003). Esse é mais um aspecto da cultura religiosa que os Ticuna se identificaram e que pode ter facilitado a aceitação da religião dos missionários.

Figura 14. Onde fieis fizeram despedida no últimos dia do festa.



Fonte: Salvador, I Silva 2021.

A observação dos festejos e o convívio que tenho com a comunidade, faz perceber que existe, hoje, uma identificação dos Ticuna com a doutrina cristã. A igreja, hoje, é organizada e comandada pelos próprios Ticuna, por isso pode ser visto uma flexibilização das regras de proibição da tradição cultural indígena. A relação da Ngutapa com a Igreja é uma prova disso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi de verificar o papel e a influência da igreja batista na comunidade de Vila Betânia e identificar o momento da festa da igreja como um evento importante para preservar o sentido de comunidade do povo. Durante a pesquisa pude perceber as formas de organização cultural e religiosa e as transformações da política cultural Ticuna. Busquei compreender como estão acontecendo essas formas de poder que sociabilizam nas práticas religiosas e na festa religiosa alterando a cultura do povo Ticuna pertencente à comunidade.

Assim, consegui alcançar alguns dos meus objetivos do campo de pesquisa, e também pude analisar e compreender esse campo de estudo, visando à sociabilidade, desempenho, relações sociais e relações de poder que atuam dentro da igreja e na comunidade nas negociações com as políticas culturais tradicionais. Sou ciente que ainda não consegui trabalhar todos os dados em campo, e ainda ficaram muitos aspectos pra serem estudados.

O meu trabalho de conclusão do curso foi meu maior trabalho de importância, onde pude dialogar com as teorias aprendidas no decorrer do curso, essa experiência me ajudou a refletir e analisar o meu campo de pesquisa onde foi coletado os meus dados e informações que eu precisava para o estudo me fazendo aproximar da minha cultura com estranhamento.

Constatarei que, do ponto de vista dos anciões Ticuna, as práticas culturais tradicionais estão se perdendo e precisam ser preservadas. A participação nos festejos da Igreja demonstra como a religião ajuda a fortalecer os laços dentro da comunidade e não mais pela tradição etnocultural. A meu ver, esse método, ou seja, estas dinâmicas de cultura pela religião, apresentadas nas visões dos anciões Ticuna, podem ser o modelo da igreja que se observa neste cenário como um sistema religioso cristão envolvendo a comunidade no intuito de convertê-los todos em evangélicos, e deixando a cultura Ticuna tradicional e seus costumes e crenças, que vão morrer pouco a pouco, prevalecendo desta forma a cultura religiosa ocidental.

A comunidade Vila Betânia, onde a pesquisa foi realizada, apresentou dois grupos disputando o poder. Um grupo começou a resolver os assuntos individualmente com apoio da religião acolhida por líderes indígenas que são membros da igreja. E o outro grupo que não é evangélico luta para a existência e resistência da cultura tradicional, resgatando a organização social, o respeito das regras clânicas, ritual da

moça nova, hábitos alimentares, práticas do artesanato, canto e o principal, estabelecer a união como era antigamente.

Concluindo, este trabalho abordou o histórico de como se deu a formação da comunidade e um pouco da cosmologia do povo Magüta nas narrativas e relatos dos anciões Ticuna e como eles percebem as mudanças culturais na comunidade. Ficou evidenciado o papel da religiosidade e da igreja na comunidade e o processo de formação de uma comunidade dominada pela igreja evangélica demonstrando como a formação da comunidade se confunde com a formação da comunidade religiosa.

REFERÊNCIAS BIBLIORÁFICAS

BARTOLOMÉ, Miguel Alberto. **As Etnogêneses: velhos atores e novos papéis no cenário cultural e político**. Mana 12 (1): 39-68, 2006.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas**. 2ª ed. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL. 1976.

GEERTZ, Clifford, **A interpretação das culturas**, Rio de Janeiro: LTC, 2008.

LIMA, Widney Pereira de. **Os Ticuna e a Igreja Indígena em Filadélfia, Amazonas / Dissertação (Mestrado) Universidade Federal Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, 2013.**

LOPES, Francisca Maria Neves. **Festa e Religiosidade: Como se Fez a Festa de São João Batista em Aldeias Altas-MA nas décadas de 1970 a 1990**. Artigo apresentado ao curso de licenciatura Plena em História da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, 2013.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva, In: Sociologia e Antropologia**, São Paulo, Cosac e Naify, 2003.

MONTERO, Paula ET alli. **Para uma antropologia do político, in: O horizonte da política**, agendas da pesquisa e questões Emergentes, 2011.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **O Nosso Governo: os Ticuna e o regime tutelar**, São Paulo, Marco Zero, 1988.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O índio e o mundo dos brancos: a situação dos Tükúna do alto Solimões**, Campinas, Ed. Unicamp, 1996.

PEIRANO, Mariza. **Rituais: ontem e hoje**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

SARAIVA, Adriano Lopes. **Festejos e Religiosidade Popular: o festejar em comunidades ribeirinhas de Porto Velho/RO**. Capítulo da Dissertação de Mestrado intitulada, apresentada ao Programa de Pós-graduação *Strictu Sensu* em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente/PGDRA da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, 2010.

SILVA, Maria das Graças Nascimento. **O espaço ribeirinho**. São Paulo: Terceira Margem, 2000.

SOLIMÕES, Maria do Socorro. **Cultura e biodiversidade entre o rio e a floresta** 1ed. Belém: Universidade Federal do Pará, 2001, v 1, p.269- 278.

WEDIG, Josiane & MENASCHE, Renata. **Dádiva e reciprocidade: rituais religiosos e festivos na vida camponesa**, In: Anais do IV Congresso Argentino e Latino americano de Antropologia Rural, 2009.